

Adolescência: Um Encontro com a Realidade (*)

*JOSÉ CARLOS COELHO ROSA (**)*

«A Realidade manifesta-se de uma forma caótica e sem sentido.» Assim falava, perante um jovem público universitário, o Prof. Borges de Macedo nas suas aulas de Teoria da História, há cerca de 30 anos.

A mim, então com 17 anos, esta frase fascinava-me sem saber bem porquê. Era uma afirmação revolucionária que punha tudo em causa, desde as leis científicas e a nossa profunda fé nelas, até ao nosso comportamento face ao mundo que nos rodeava, sobretudo naqueles anos conturbados da vida académica entre 1962 e 1964.

Nessa altura, jovem adolescente, não poderia haver afirmação que mais se adequasse à minha maneira de sentir e de viver. No fundo, confirmava todos os meus sentimentos de confusão e de angústia e dava-lhes um fundamento; confirmava também a minha percepção da realidade e, por isso mesmo, conseguia um efeito ansiolítico já que, pelo menos assim me parecia, a minha experiência pessoal tinha uma razão de ser.

Com o decorrer dos anos, esta frase tão simples foi adquirindo novos sentidos, cada vez mais profundos, sem perder, antes pelo contrário,

conquistando mais importância, mas já não possuía aquele dom mágico, ansiolítico, que tivera antes. É que fui percebendo que se a realidade era caótica e sem sentido, eu – para sobreviver no meio dela – lhe dava uma organização que tinha a ver comigo e com a minha forma de me relacionar. A impotência e confusão que sentia perante o caos e que me levava a, onnipotente e pseudo-revolucionariamente, querer que a realidade tivesse o meu sentido, deram lugar aos poucos ao sentimento das minhas limitações pela constatação, para mim cada vez mais evidente, de que a realidade só podia ter o sentido que cada pessoa lhe desse e que, frequentemente, nem sequer era o que eu lhe dava.

Lentamente, mas não sem sobressaltos e angústias, fui verificando que, consoante o ponto de vista, a realidade pode ser coerentemente explicada de várias formas, tornando irreduzíveis as diversas coerências explicativas se não se altera o ponto de vista.

Se substituirmos a expressão «ponto de vista» pela expressão «estilo relacional», entramos definitiva e claramente no campo da psicologia e poderemos perceber então porque a Ciência, desde a matemática à psicologia e à história; a Arte, desde a música à literatura e às artes plásticas; a Religião, desde a divinização da natureza à salvação espiritual e à política, tantas vezes entram em conflitos aparentemente insolúveis e até em ataques recíprocos à capacidade de reflexão

(*) Comunicação apresentada na Mesa «Psicose na Adolescência – Crise ou Catástrofe?», integrada no Colóquio «Psicose na Infância e na Adolescência», Lisboa, Maio de 1994.

(**) Psicólogo e Psicanalista.

que muitas vezes equivalem a apodar-se de psicóticos uns aos outros. É que cada coerência explicativa é determinada por um estilo relacional e, portanto, cada uma dá, de uma forma diferente, sentido à realidade.

Diferente não quer dizer contraditório. Contudo, devido à dificuldade em mudar de ponto de vista, isto é, adoptar outro estilo relacional, frequentemente, como vemos todos os dias, aparecem sinais de dogmatismo intolerante, inspirados mais num espírito missionário intransigente do que num verdadeiro desejo de investigação e conhecimento.

Precisamente e por razões de sobrevivência psíquica, é o que se passa também na adolescência. E não é totalmente destituído de fundamento que este período da vida já tenha sido classificado como uma fase psicótica normal do desenvolvimento humano. É que, tendo em conta a nossa reflexão até este momento, a saúde mental depende fundamentalmente da nossa capacidade de pôr ordem no caos da realidade, isto é, da nossa capacidade de lhe dar o sentido que ela não tem e, deste modo e em certa medida, dela nos afastarmos. Inversamente, a nossa incapacidade de o fazer permite a invasão caótica da realidade e o sentimento de angústia por nos vermos perdidos no meio dela.

Neste sentido, a psicose, tal como alguns fenómenos da adolescência, não são um corte com a realidade ou uma deficiente apreensão dela. São pelo contrário, um *contacto real* com a realidade, o resultado de uma invasão brutal e não filtrada da realidade no mundo interno, que assim deixa de o ser, confundindo-se com o externo e diluindo-se no caos por ausência de uma grelha diferenciadora.

A clivagem é um processo essencial do pensamento e da saúde mental que nos permite, entre outras coisas, distinguir o possível do impossível. Pelo contrário, se a clivagem não é conseguida, a torrente da realidade invade o sujeito, estilhaça o «Eu» e tudo se mistura tornando possível o impossível e real a fantasia. Estamos perante a «reificação do pensamento», na expressão feliz de Coimbra de Matos.

Esta perspectiva leva-nos a compreender a adolescência mais como um fenómeno cultural e social do que como um fenómeno natural.

Nas sociedades menos complexas e tecnologicamente menos desenvolvidas, vemos que um

jovem – rapaz ou rapariga – é adulto praticamente desde que fisiologicamente está apto a procriar. Passa por rituais de iniciação de carácter mais ou menos público e é considerado adulto no mundo dos homens ou das mulheres, assim passando a ser reconhecido pela sociedade a que pertence. Mesmo na nossa sociedade portuguesa, ainda na Idade Moderna se podia ser rei com 14 anos.

Nas sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas e, conseqüentemente, mais complexas, o jovem, conquanto biologicamente amadurecido, não pode ser considerado adulto senão quando teoricamente tiver capacidade para perceber os mecanismos básicos da sociedade em que está integrado.

Esta circunstância, conduz a um período de espera – que Eric Erikson denominou com propriedade de «moratória social» – que se, por um lado, representa um prolongamento da dependência em relação aos adultos; por outro, é uma concessão que a sociedade faz ao jovem, permitindo-lhe sobreviver mais algum tempo sem as responsabilidades do adulto até ele estar apto a sê-lo também. É este período de espera que constitui a adolescência e que, entre outros, comporta este conflito entre o biológico e o social.

Não se pretende aqui fazer um estudo exaustivo da adolescência e, por isso, centrar-me-ei apenas em torno deste último ponto, tendo em conta todo o reducionismo que isso implica e o mundo de factores e conflitos que se apresentam nesse período da vida humana e que aqui não tratarei.

De facto, o adolescente sai de um período da sua vida em que via a realidade organizada pelos outros, em que vivia a sua vida em nome de princípios que ele não ousava questionar. Agora ele encontra-se perante impulsos – sexuais, agressivos e outros – que parecem em contradição com os valores que lhe foram transmitidos. Tem um encontro, inesperado muitas vezes, com a realidade e que, por muito que estivesse prevenido para ele, surge sempre como uma experiência nova e contraditória com o que sentia até aí.

A constatação da incompatibilidade entre o que sente e o que lhe foi transmitido, entre o que deseja e para que se sente apto e aquilo que lhe é permitido ou lhe é possível realizar, constitui um

motivo de revolta e também um incentivo para se encontrar com a realidade e descobri-la em toda a sua exuberância e pureza. É a festa da adolescência que tão pouco tem sido tratada, mas que é tão importante quanto os trabalhos de luto que essa festa comporta e de que tantas vezes se fala.

«Quem quer festa sua-lhe a testa» – diz o povo. E o adolescente não desmente o aforismo, já que esse êxtase necessário da descoberta e encontro com a realidade lhe vai custar o elevado preço das angústias, das depressões, das confusões, dos medos, dos sentimentos de impotência. Perante isso, desafia onnipotentemente fantasmas e realidades, tudo e todos e até a si próprio, numa tentativa de impôr a desordem que é a sua própria ordem interna, invadida que foi pela realidade e confundida que está com a fantasia. Daqui o culto do herói como modelo provisório de identificação, a generosidade sem limites em nome de um ideal irrealizável mas admitido como possível, a exclamação anárquica da vida em nome do bom caos da realidade. Em suma, o retorno às origens, o mito do bom selvagem que, aos poucos, irá sendo morto pela necessidade de sobrevivência psíquica, O mesmo é dizer, pelo funcionamento do processo secundário que o conduz a marcar as suas distâncias face à realidade. Essa distância face à realidade externa permite-lhe então um equilíbrio interno face ao triunfo e à derrota, ser realista em relação à sua realidade interna, ser um adulto biológica, psicológica e socialmente.

A Adolescência não é, pois, catástrofe. Se assim fosse considerada estar-se-ia a tomar parte pelo todo. Sem dúvida que há sentimentos de catástrofe. Mas verdadeiramente catastrófico seria confundir o sentimento com a realidade e aí se fixar. Na adolescência, esse sentimento corresponde ao derrube da organização fornecida por outros e que ainda não foi substituída por uma organização dada pelo próprio.

O adolescente pode comparar-se a uma espécie de viajante aventureiro dos finais da Idade Média e da Idade Moderna, procurando fascinado uma realidade que não é como lhe transmitem, mas que ele ainda não sabe como é. Curiosamente, Georges Gusdorf caracteriza o Renascimento como «a crise de originalidade juvenil da civilização ocidental». Na verdade, tal como na vida humana, é um período em que se

contestam os valores medievais, mas em que se não encontrou ainda uma coerência explicativa diferente para a realidade. No entanto, é na segunda metade da Idade Moderna, como na adolescência que se começam a lançar os fundamentos da ciência actual, que nos levou a organizar a realidade de uma maneira completamente diferente.

Só no momento em que uma nova coerência explicativa – agora pessoal e própria – se consegue, é possível abalar ou mesmo derrubar elementos organizadores sem o sentimento de grande angústia ou até de catástrofe. Por outras palavras, só um adulto pode encarar sem angústia excessiva a mudança e a novidade, precisamente porque essa novidade pode ser elaborada e integrada pelo processo secundário na sua forma organizada de abordar a realidade.

Apesar de tudo, alguma coisa é pouco sólida na organização – mesmo de um adulto – e, por vezes, a realidade irrompe caoticamente no sujeito, provocando-lhe crises de angústia que, como todos sabemos, determinam grande sofrimento. Essa fragilidade, maior ou menor, existe em todos nós precisamente porque, como adultos, temos um pensamento próprio – o nosso; uma história própria – a nossa; e, por fim, construímos uma coerência explicativa própria que também é nossa, ainda que possa coincidir nalguns pontos com outras.

Esses aspectos mais frágeis são resquícios da adolescência e da infância que permanecem em nós. Quer de elementos que conservámos daquilo que nos foi transmitido na infância, quer de elementos com que completámos «à priori» a nossa experiência da adolescência.

No entanto, o adulto – psicologicamente adulto – sabe que não é uma catástrofe o que lhe traz uma nova perspectiva. Sabe que é uma crise passageira correspondente ao seu tempo de elaboração e integração dos novos dados.

A adolescência pode assim ser vista como uma crise também. Mas uma crise necessária, preço que se paga – uns mais, outros menos – para vivermos na civilização. Quem não o pagou na altura própria, terá de o pagar mais tarde ou não atingirá nunca o estado de adulto que, se lhe exigiu esse preço, também lhe proporciona os incontestáveis benefícios da Civilização, da Cultura e da Liberdade pessoal. Também lhe permite aprender a opôr à força bruta impositiva, a

força compreensiva, inteligente e dialogante própria do homem civilizado e encarar com esperança, ainda que com tristeza, que situações de guerra entre homens que julgávamos civilizados (como, por exemplo, na ex-Jugoslávia) não passem de comportamentos brutais e anacrônicos provenientes de crianças infladas, pseudo-adultos que ainda não tiveram oportunidade de viver a sua crise de adolescência. Habitados a ver a realidade através de uma coerência explicativa que não era a própria, quando esta caiu foram invadidos pela realidade caótica em que se encontravam e, sem um «aparelho de pensar» próprio e sólido, deram largas às suas antigas «pulsões», agora recordadas. Sem filtro, deixaram-se invadir pelo caos e nele submergiram, com ele se confundindo. Pior, como sempre sucede nos fenómenos de massas. Agiram-no, tal como, em casos extremos, acontece o suicídio na adolescência.

Nestes casos, o sentimento de caos é tão intenso que só pode ser vivido catastróficamente e o sujeito só pode admitir a fuga total da realidade, já que não possui ou, mais frequentemente, o impedem de ir aperfeiçoando os seus «instrumentos» para a enfrentar e organizar. Não consegue distanciar-se minimamente do caos e, então, dilui-se nele.

A adolescência pressupõe toda uma preparação para ela durante a infância. Preparação afectiva e intelectual. Se uma criança não consegue estabelecer sólidos laços afectivos na infância e não adquire uma certa autonomia no funcionamento intelectual, é muito difícil enfrentar todas as angústias do contacto com a realidade. Pior ainda se quando o jovem inicia esse contacto, os responsáveis pelo seu desenvolvimento persistem em impôr o seu modelo organizativo, não respeitando a necessidade de experiência do adolescente e contestando as suas tentativas de organização autónoma. Creio também este factor poder ser encontrado no caso analogicamente apresentado da ex-Jugoslávia.

Nessas circunstâncias, ao caos da própria realidade acrescenta-se o caos interno: o que sinto não é possível de sentir. O que é não pode ser — na sugestiva expressão de Frederico Pereira. E porque não lhe é possível ser o que é nem tentar a sua autonomia, só resta ao jovem cumprir a ordem, corresponder à vontade do ou dos adultos que, nesta situação, se pode traduzir na seguinte

sentença: «Tu és o que não pode ser. Tu és o impossível.»

O que pode restar então ao jovem senão sair a meio, com as forças do desespero, desse «Clube de Poetas Mortos»? Cumpre a vontade dos adultos: «Se sou o que não pode ser, se tenho que ser aquilo que vocês querem que eu seja, então ou destruo a vossa vontade, ou sou nada.» E segue-se a constatação da indestrutibilidade da vontade do outro, contra a qual a própria dependência económica o torna impotente.

Como sabemos, a adolescência vai-se tecendo num emaranhado de linhas muito complexo que solicita uma atenção permanente e próxima, ainda que discreta, por parte dos adultos.

Contudo, como se apontou atrás, também os adultos que contactam com o jovem têm alguns problemas do seu passado por resolver, especialmente no que se refere ao luto das suas próprias «imagos» parentais. Daí resultam situações de confronto violento sempre que ambos — adulto e adolescente — se encontram frágeis perante uma situação real, tentando enfrentá-la, cada um à sua maneira. Desprovidos ambos de meios organizativos, impossibilitam uma ponte dialogante, recorrendo à lei do mais forte, numa luta infantilmente dominada pela anialidade dos primeiros anos de vida. Realmente não lutam um contra o outro, mas ambos contra fantasmas do seu respectivo passado, numa quixotesca cavalgada em que, frequentemente, falta ou não se consegue fazer aceitar a presença de um Sancho Pança com o seu genialmente simples e organizador bom-senso.

Estar atento às suas próprias fragilidades é a melhor maneira do adulto se colocar face à realidade e especialmente face ao adolescente, disponibilizando-se assim para o ajudar a autonomizar-se.

Não parece, pois, descabido terminar com uma advertência, mais uma vez citando o Prof. Borges de Macedo: «Não raro atrás de um autêntico democrata se esconde um verdadeiro ditador.» Mesmo sem que ele próprio o saiba, acrescento eu.

RESUMO

A partir de um conceito de saúde mental que pres-

supõe uma clara separação dos mundos interno e externo, o autor faz uma abordagem da adolescência como *um* contacto *demasiado* próximo e sem barreiras entre esses dois mundos, fazendo um paralelo com a patologia psicótica e com alguns fenómenos históricos e sociais.

ABSTRACT

Based on a mental health concept which suppose a distinct separation of internal and external world, the author approaches adolescence as *a* contact *to* close and without barriers between this two worlds, drawing a parallel with psychotic pathology and some historic and social phenomena.